

LEANDRO GOMES DE BARROS

BATALHAS

DE

Oliveiros com Ferrabraz

E

A Sêcca do Ceará

Preço. 1\$000

EDITORES

Pedro Baptista & C^a

17, Rua 7 de Setembro, 17-Guarabira
Estado da Parahyba do Norte

1920



BATALHAS

DE

Oliveiros com Ferrabraz

Eram doze cavalleiros
Homens muito valorosos,
Destemidos, animosos,
Entre todos os guerreiros,
Como bem fosse, Oliveiros
Um dos pares de fiança
Que sua perseverança
Venceu todos infiés,
Foram doze leões crués
Os doze Pares de França.

Todos eram conhecidos
Pelos leões da igreja,
Pois nunca fôram á peleja
Que nella fossem vencidos,
Eram por turcos temidos,
Pela igreja estimados
Porque quando estavam armados
Suas espadas luziam,
E os inimigos diziam:
—Esses são endiabrados.

Tinha o duque de Nemé
Que era uma espada medonha,
O grande Guy de Borgonha
Geraldo de Monte Fé.
Carlos Magno tinha fé
Em todos seus cavalleiros,
Pois entre todos guerreiros
De que nos trata a historia,
Vê-se sempre a maior gloria
De Roldão e Oliveiros.

O almirante Balão
Tinha um filho—o Ferrabraz.
Que entre os turcos, era o mais
Que tinha disposição
Mesmo em nobreza de acção
Era o maior que havia
Então em toda Turquia
Onde se ouvia fallar,
Tudo tinha de respeitar
Ferrabraz de Alexandria.

Foi Ferrabraz procurar
Sahiu com uma grande tropa
Vê se achava na Europa
Um rei para pelejar,
Pegou logo a exclamar
Com mais precipitação,
Fazendo uma exclamação,
Insultando os cavalleiros,
Falando contra Oliveiros

Fazendo accinte a Roldão.

Quando Ferrabraz chegou
Nos campos de Mormionda,
Só um trovão quando estronda
Trôa como elle troou,
Em altas vozes gritou
Apoiado em uma lança,
Como uma féra que avança
Precipitada em furor,
Dizia oh! imperador
Que dê teus pares de França?

Stás poupando teus guerreiros
Que nem um vem pelejar?
Para que queres guardar
Esses doze cavalleiros?
Ouço dizer que Oliveiros
Tem tanta disposição,
E propria a occasião,
Se não tens dó dos cavalleiros,
De uma vez mande Oliveiros
Guy de Borgonha e Roldão.

Ninguem ahi respondeu
E Ferrabraz se apeiou,
Numa sombra se assentou
Em vozes altas rompeu,
Carlos Magno se escondeu:
Ou está hoje sem acção?
Os pares onde é que estão?

Não ouço nem um fallar,
Já não posso acreditar
Nas façanhas de Roldão.

Sahirei daqui dizendo:
—Carlos Magno se escondeu?
Roldão não me appareceu
Talvez ficasse tremendo...
Estou só, como se está vendo
Elles são 12 guerreiros
Como 12 cavalleiros,
Não dão batalha a um só?
Porque não vem uma mó
Roldão, Ricardo, Oliveiros?

Sosinho nesta campanha
Contra um exercito francez,
E matal-o de um vez,
Não digo que isto é façanha.
Um exercito não me ganha,
Ainda eu mesmo doente
Como é que existe gente
Que se atreve a exaltar
E pelo mundo espalhar
Que Carlos Magno é valente?

Carlos Magno perguntou
Quem tanto o insultava,
Quem tão rebelde fallava.
Ricardo ahi lhe explicou
Lhe disse esse que chegou,

É um grande da Turquia,
Turco de muita energia,
Impera sobre o seu throno.
E' o legitimo dono
Do reino de Alexandria.

Aquelle foi o que entrou
Dentro de Jerusalém
Não respeitando ninguem
Até apostolos matou.
No templo sagrado achou
Balsamo que Deus foi unguido
Cousas que tinham servido
Na paixão do Redemptor,
A corôa do Senhor
Tudo elle tem conduzido,

Carlos Magno observou
Que nem um se offereceu,
Logo alli entristeceu
Chamou Roldão e o mandou,
Disse Roldão—eu não vou
Nem eu, nem meus companheiros
Nos combatas derradeiros
Exgottamos os valores,
Quem foram merecedores
Foram os velhos cavalleiros.

Nessa ultima batalha
Sanguinolenta e tyrana,
Minha espada durindana

Não mostrou uma só falha,
Daquella bruta canalha
Arrebatei a victoria,
Me ficará de memoria
Aquelles grandes perigos
Os cavalleiros antigos
Foi a quem desses a gloria.

Carlos Magno quando ouviu
A resposta de Roldão
Se encheu de tanta paixão
Que um ferro lhe sacudiu.
Roldão quando olhou que viu
O sangue delle descer,
Não poude mais se conter,
Se armou com tal furor
Que não foi ao imperador
Por Ricardo se interver.

Carlos Magno ordenou
Que os pares o pegasse,
Depois de prezo o matasse.
Roldão de novo se armou
Pela espada puxou
E disse em alta linguagem
Com destemida coragem,
Falou a todos assim:
—Qualquer que tocar em mim
Diga que está de viagem.

Tudo alli ficou callado

Não falou um cavalheiro
Roldão era o companheiro
Dentre todos mais amado,
De mais era respeitado
Pela nobreza e acção,
Tinha um leal coração
Para com seus companheiros
E mesmo dos cavalheiros
Era elle o capitão.

Carlos Magno ficou
Certo de que ninguem ia
Disse que mesmo queria
Ver quem o desafiou,
Quando a noticia chegou
Aos ouvidos de Oliveiros
Que soube que os cavalleiros
Não tinham lhe obedecido,
Ficou bastante sentido
Desta acção dos companheiros.

Ordenou ao escudeiro
O cavallo lhe sellar
E mandou logo apromptar
Arreios de cavalleiro...
E gritou—ande ligeiro,
Me ajude logo a armar,
Pode o turco se gabar,
Matei um dos cavalleiros,
Porem não diz Oliveiros
Temeu commigo lutar.

Assim que Guarim sentiu
Seu senhor fallar em guerra,
Poz os joelhos em terra
Até por Deus lhe pediu,
Porque imaginou e viu
Que elle não estava capaz,
Porque já era demais
O sangue que lhe sahia
Por isso por Deus pedia
Que não fosse a Ferrabraz.

Guarim, podes descansar,
—Oliveiros respondeu.
Um soldado como eu
Não deixa seu rei chorar,
Pois o turco ha de acreditar
Que mil feras não me comem
As minhas façanhas se somem
Mas enquanto eu não morrer
Ferrabraz ha de dizer
Em França encontrei um homem.

Quando do leito se ergueu
Pôz uma perna estendida,
Logo ahi de uma ferida
Porção de sangue desceu,
O escudeiro tremeu
Assim que o sangue espanou
E elle não se importou
Como que estivesse são,
Fincou a lança no chão

E de um pullo se montou.

Foi elle ao imperador
Com a maior reverencia,
E disse com obediencia:
—Esclarecido senhor,
Eu não sou merecedor
Que cousa alguma me dê,
Por isso, senhor, bem vê
Que valor tem seu captivo
Por 10 annos que vos sirvo
Pedir vos quero mercê...

Disse-lhe o imperador:
—Pode Oliveiros dizer,
Eu juro o satisfazer
Seja que pedido fôr.
Disse Oliveiros: Senhor!
Não quero cousa de mais,
E não serei tão capaz
Para tanto vos pedir,
Porem o que quero é ir
Dar batalha a Ferrabraz.

Carlos Magno quiz faltar
Devido ao seu máo estado,
Porem já tinha ordenado
Não podia revogar.
Viu Oliveiros montar
E muito sangue sahir
Rogou o para não ir...

Disse Oliveiros: irei
Se desfeitiando meu rei
De que me serve existir?

Não posso aqui declarar,
O que era de mistér,
Como ficou Regner
Vendo Oliveiros montar,
Ficou a se lastimar
Vendo os outros cavalleiros,
Elle com mil desesperos
Prostrado em terra se lança
Perdendo a última esperança
— De ver seu filho Oliveiros.

Ferrabraz estava deitado
Sentio chegar Oliveiros
Foi ver se eram os cavalleiros
A quem já tinha insultado,
Depois de ter bem olhado
Cresceu lhe mais o furor,
Com desprezo atterrador
E raiva dos cavalleiros
Perguntou a Oliveiros:
— Que fizeste ao teu senhor?

Levante-se, cavalleiro,
Prepare as armas se aprompte
Pegue o cavallo, se monte,
Trate de ser bom guerreiro
Ponha seu corpo ligeiro

Veja não dê uma falha,
A morte entre nós se espalha,
A hora de um é chegada
Lance mão de sua espada,
Vamos entrar na batalha.

Quem és tu, tão pequenino
Que vens me desafiar?
Achas que vou me ocupar
Em dar batalha a menino?
És louco, tu não tens tino,
Disse o turco com furor.
Seja por qual forma fôr,
Quero que agora, confesses
Se algum mal já fizestes
Contra a teu imperador?

Disse Oliveiros zangado:
Venha pelear commigo,
Perante seu inimigo,
E' ser vil pôr-se deitado.
Devia ser delicado
Lhe reflectio Oliveiros
Na ordem dos cavalleiros
Encontra-se a educação,
Pois isso não é acção
Vinda dos grandes guerreiros.

O turco disse afinal:
Ah! cavalleiro, lhe digo,
Só pode luctar commigo

Se fôr de sangue real,
Porque se não fôr igual
Recusarei a empresa;
Fallo com toda franqueza...
Então Oliveiros disse:
Pode crer como que visse
Minha origem é de nobreza.

Ferrabraz lhe esclareceu:
Teu nome has de me dizer.
Primeiro eu hei de saber.
Disse Oliveiros:—do teu
Disse Ferrabraz: o meu
Eu direi sem mais porfia,
Pois minha soberania
Não exige cousas taes,
Eu me chamo Ferrabraz,
Sou o rei de Alexandria.

Eu sou Guarim de Lorenda.
—Oliveiros respondeu—
Hoje foi que succedeu
Dar a primeira contenda:
E lhe digo que se renda
Que o levarei com amor,
Fique sabendo o senhor
Hoje não pode escapar
Eu hoje o tenho de levar
Para o meu imperador.

O turco disse-lhe assim:

Teu rei é muito malvado
Pois pega um pobre soldado
Sem causa quer dar-lhe fim.
Porque em tu vires a mim
E' ser muito louco ou bôbo,
E' como fazer um roubo
A quem não possui dinheiro,
E' empurrar um cordeiro
Dentro da jaula de um lobo.

Oliveiros já massado
Disse: turco és um louco...
Levanta-te, senão com pouco
Hei de ferir-te deitado.
Que tempo tem se passado
Nessas tuas discussões
Eu não vim ouvir razões
Vim ao campo pelejar,
Tu és franco no fallar
Vamos vêr tuas acções.

Ferrabraz sem alterar
Lhe disse: espera Guarim,
Peço que digas a mim
O que te vou pergutar.
Então se pôz a indagar
Com a falla muita mansa
Como quem pensa e descança
Perguntou a Oliveiros:
—Como são os cavalleiros
Que formam os pares de França?

Oliveiros disse assim:
Roldão tem bôa estatura
Oliveiros na figura
E' mesmo que vê a mim,
Guy de Borgonha, Bomfim,
Ricardo, são quasi iguaes,
Pegou n'um, é um voraz,
Porem emquanto a Roldão
Em coragem e coraçõ
O mundo não terá mais.

Disse Ferrabraz: então
Porque desses cavalleiros
Não veio a mim o Oliveiros?
Guy de Borgonho ou Roldão?
Disse Oliveiros: isso não
Oliveiros está doente
Bomfim tambem anda auzente,
Guy de Borgonho ficou
Roldão nunca se occupou
Brigar com um turco somente.

Quarim tu tens me mentido
Pois não és novo guerreiro,
E's antigo cavalleiro
Tanto que tu estaes ferido.
Mas Oliveiros fingido
Disse: esse sangue é d' agora
Eu estou são; porem embora
Tenha na junta algum callo,
O sangue é de meu cavallo .

Que é muito duro de espora

Depois de se levantar
Ferrabraz se preparou,
A Oliveiros rogou
Que o ajudasse a armar.
Oliveiros quiz faltar
Por achar que era um perigo.
Disse Ferrabraz: lhe digo
Confie em minha nobreza,
Eu não uso da vileza
Para com meu inimigo.

Oliveiros se apeiou
Ajudou a Ferrabraz.
Com cortezias iguaes
Elle tambem o tratou.
Quando Ferrabraz se armou
Vestiu a saia de malha
Na qual não tinha uma falha
Feita por outros guerreiros,
Montaram-se os cavalleiros
Deram começo a batalha.

Posto em ordem proseguiram
A lucta em estreitos passos,
Das grossas lanças os pedaços
De ambos ao longe cahiram,
Ambos logo se serviram
De duas finas espadas
Cortantes, grandes, pesadas

Que era uso dos guerreiros
Das feridas de Oliveiros
Foram tres as magoadas.

Disse Ferrabraz: Guarim,
Pela crença dos fieis
Confesses logo quen és,
Não sejas fingido assim.
Creio que mentistes a mim
Tu és um dos cavalleiros
Daquelles grandes guerreiros
Que a fama está espalhada,
Pelo pegar da espada
E's Boldão, ou Oliveiros.

Disse o hoste dos guerreiros:
Turco tenho uma attracção
Para roubar coração
Dos mais duros cavalleiros.
Confesso, sou Oliveiros,
Minha fama tens ouvido.
Ferrabraz ficou sentido
De seus insultos primeiros
Disse: —desculpe Oliveiros
Não tel-o bem recebido.

Ahi tornaram a partir
Em ordem de covalleiros
Disse o turco a Oliveiros.
—Não posso mais te ferir;
Vejo teu sangue sahir

Devido estares estragado;
Eu tenho o balsamo sagrado
Com que teu Deus foi ungido,
Bebe-o porque estás ferido,
Bebendo ficas curado.

Turco eu não hei de aceitar
Cousa alguma que me deres,
Salvo se tu quizeres
Crêr em Deus, te baptisar.
Do contrario é se cançar
Porque não acceito nada.
Estou com a vida arriscada,
Sei do poder que tem elle
Porem só me sirvo d'elle
Tomando-o pela espada.

Ahi ambos prevenidos
Não escutaram razões,
Pareciam dois leões
Numa jaula enfurecidos.
Dous golpes iguaes medidos
Todos dous descarregaram,
Com a força que botaram
Os braços ficaram bambos
E os cavallos de ambos
E n terra se ajoelharam

Oliveiros recebeu
Um golpe tão desmarcado
Que ficou atordoado

E muito sangue desceu.
O turco ahi conheceu
Delle as forças abatidas
Com vozes compadecidas
Disse Oliveiros teimoso,
Bebe o balsamo milagroso
Que te cura essas feridas.

Ferrabraz, eu nada acceito —
Assim não deves cansar-te,
Confesso de minha parte
Que todo offerta regeito.
Porque eu não me aproveito
D'uma acção acobardada
Por uma protecção dada
Pois que prefiro morrer
Que do teu balsamo beber
Sem o tomar pela espada.

Beijou a cruz da espada
Proseguio uma oração!
Oh! Virgem da Conceição
Maria pia e sagrado,
Mãe de Deus immaculada,
Esposa casta e fiel!
Pelo vinagre e fel
Que Christo bebeu na Cruz,
Rogae por mim a Jesus,
Nessa batalha cruel.

Partiu ao seu contendor

Com tanta disposição
Que só se tivesse são
Teria tanto valor.
Deu-lhe um golpe matador
Porem pegou mal pegado,
Feriu o turco de um lado
Ferrabraz se desviou
Tirando o balsamo e tomou
Ficou de tudo curado.

Oliveiros entristeceu
Quando viu Ferrabraz são,
E disse no coração
Quem perde a lucta sou eu...
Porem não esmoreceu
Nem deu mostração de falha
Como o homem que trabalha
Disse sem poder conter-se,
Falta pouco para vêr se
O fim de nossa batalha.

Disse o turco — cavalleiros :
Tu já estás muito ferido
Queira acceitar meu partido
Renda-se, prisioneiro,
Assim lhe farei o herdeiro
Do reino de Alexandria,
E tem mais a garantia
De hoje para amanhã,
Casarás com minha irmã,
A flores de toda Turquia.

Disse Oliveiros:—Senhor
Eu não prefiro riqueza,
Quero morrer na pobreza,
Mas bem com meu Salvador...
Porque foi meu creador
E por minh'alma trabalha,
Um estante não se empalha
Para valer os fieis,
Turco, cuida em teus papeis,
Vamos dar fim a batalha.

Cobriu-se com seu escudo
Beijou a cruz da espada
E deu uma cutilada
Que desceu arniés e tudo,
E dando outra a miudo,
A Ferrabraz offendeu
O céo o favoreceu
Um revez escapoliu
O balsamo delle cahiu
E Oliveiros bebeu.

Ferrabraz admirado
Por ver tanta ligeireza,
E ver aquella destreza
Em quem já estava cançado,
Viu Oliveiros curado
De todas suas feridas
Suas forças abatidas,
Mas estava tão renitente
Que parecia-lhe um ente

Com quinze ou dezeseis vidas.

Depois de ter apanhado
O balsamo que lhe serviu,
Dentro do rio saccudio
O que inda tinha ficado.
Ferrabraz ficou massado
Por Oliveiros Lotar
O que não podia achar
Ainda a peso de ouro,
Do mundo todo thesouro
Não poderia comprar.

Oliveiros respondeu:
Ferrabraz fique sabendo
Que a tudo Deus está vendo
Pois o mundo todo é seu,
Um guerreiro como eu
Não vae atraz de cilada
Com Deus não me falta nada
Me bastam os prodigios seus.
Não quero mais do que Deus
Uma lança e uma espada.

E tornou a Investir
Que só um leão voraz.
E disse: Senhor Ferrabraz
E tempo de dicidir,
Só se ouvia era tlnir
As espadas pelo ar.
Roldão que estava a olhar

De vez em quando dizia:
Oliveiros eu queria
Estar agora em teu logar.

Já tinha se espedaçado
Arnéis capacête e tudo,
Não tinha mais um escudo
Que não tivesse quebrado.
As lanças tinham voado
Só as viseiras existiam
Elles já mal se cobriam
Nas horriveis cutiladas.
Somente as duas espadas
Sem damno algum resistiam.

Oliveiros se preparou
E partiu ao inimigo..
O turco viu o perigo
E pé firme o esperou,
Uu golpe nelle deitou
Com tanta disposição
Sem ser proposito ou traição
Nesses golpes tão ligeiros,
O cavallo de Oliveiros
Cahiu sem vida no chão:

Turco tu estás bem montado
E meu cavallo morreu.
Ferrabraz lhe respondeu:
Mas eu não fui o culpado.
Não ficarás desarmado

Que eu sei a ordem qual é
Não desanimes na fé
Eu fui quem matei o teu,
Agora monte no meu
E vou pelejar de pé.

Disse-lhe Oliveiros: não
Fico também desmontado
Tu não fosses o culpado
Assim era ser vilão,
Por certo eu tinha razão
Porque matasses o meu,
Foi caso que aconteceu
Era-me feio aceital-o.
Não brigo só a cavallo
Podes descançar o teu,

Ahi Ferrabraz atou
Num alvoredo o cavallo
E disse vou descançal-o
Sua occasião chegou,
Para batalha marchou
Com toda disposição.
Oliveiros forte e são
Esperava cara a cara,
Com a espada Alta Clara
Rugindo que só leão.

Eu agora me lembrei
Da falta que commetti,
Mas foi porque me esqueci,

Por isso não relatei.
Porem sempre fallarei
Para o leitor se agradar,
Quem sabe ha de se lembrar
Na lucta dos cavalleiros,
O cavallo de Oliveiros
Quando quiz desembestar.

Com a grande cutilada
Que Oliveiros recet e',
Quando o cavallo correu
Não obedecendo a nada,
Sahiu numa desfilada.
Mas o turco o atalhou
Oliveiros até pensou
Que fosse alguma tragedia,
O turco pegou na redia
E o cavallo parou.

Outra parte que dizia
Quando o cavallo do turco,
Foi voal-o num cavuco
Ferrabraz quasi morria.
Oliveiros com energia
Chegou nessa mesma hora,
Apeiou-se sem demora
Que só sendo dois irmãos,
Pegou elle pelas mãos
E botou Ferrabraz fóra

E tornaram-se bater

Os dous ferozes cavalleiros,
O turco com Oliveiros
Ninguem podia entender,
Nada se ouvia dizer
No jogo das cutiladas,
As armas espedaçadas,
Com esse pesado jogo
De longe via se o fogo
Que sahia das espadas

Podes gabar-te Oliveiros
Disse o turco admirado:
—Olhe que tenho luctado
Com mais de mil cavalleiros,
Entre todos os guerreiros
Não houve quem me ferisse
Nem quem tanto resistisse
Os golpes de minha espada,
Ella por outra assignada
Nunca houve quem a visse.

Disse Oliveiros:—então
Tua espada não torasse,
E' porque não encontrasse
Com a espada de Roldão,
Elle com ella na mão
Nunca encontrou ferro duro,
Nem arnez de aço puro
Que seus golpes resistisse,
Nem metal que não rangisse,
Nem cavalheiro seguro.

E cobriu-se com uma parte
Do escudo que ficou,
Com todo orgulho gritou,
Vamos dar fim ao combate,
A nós não ha quem aparte
Disto ja estou convencido.
Haja o que Deus fôr servido.
Onde ha campos e espadas,
As razões são escusadas,
Conversa é tempo perdido.

E partiu determinado
A Ferrabraz degollar,
Mas não poude aproveitar
O golpe descarregado.
O turco pulou de um lado,
Um golpe nelle mediu.
Quando Oliveiros sentiu
O braço lhe estremeceu,
Do golpe que recebeu
A sua espada cahiu.

Assim mesmo inda pegou-a,
Mas tinha o braço dormente.
O turco rapidamente
Partiu a ella apanhou-a.
Chegando examinou-a,
Ficou muito admirado
E disse entusiasmado:
— Oliveiros estás vencido,
Isso ahi está decidido.

Porque já estás desarmado.

Porem pega tua espada
Não quero vencer-te assim,
Mesmo quero ver o fim
Dessa batalha encantada,
Pois que está tão dilatada
Qua já estou mal satisfeito.
Respondeu-lhe— só accêito
Por minhas armas tomadas,
Toma-la por mão beijada,
Isso não é de direito.

Com um pedaço de escudo
Que no chão tinha ficado,
Depois de o ter apanhado
Disse Oliveiros, isso é tudo,
Não fura mais é caçudo,
Mata qualquer, está provado.
Guarim tinha observado,
Foi a Carlos Magno e disse
Que a Oliveiros acudisse.
Que já estava desarmado.

Oliveiros viu então
Que a sella de Ferrabraz
Estava munida de mais
Com espadas no arção,
Com toda disposição
Que só quem não tem juízo,
Partiu ao turco indecizo

Sem temeridade alguma
Puxou pelo cabo uma
Que se chamava Baptiso.

Agora sim, estou armado,
Disse elle a Ferrabraz.
Nas armas estamos iguaes
Nenhum ficará massado.
Cada qual zele seu lado
Que a batalha vai findar,
É tempo de aproveitar
A força, a coragem, o jogo,
A batalha é ferro e fogo
Seja feliz quem ganhar.

E haja tempo, o ferro trôa
Com golpes tão desmedidos,
Das espadas os tinidos
Só um trovão quando sôa
Que o estampido reboa
Por vãos de serra e quebradas,
Como bombas dispersadas
Raios de fogo subiam.
Grossas faiscas saham
Daquellas duas espadas,

Ferrabraz a resistir
Estava com tanta paixão,
Oliveiros só leão
Quando alguém o quer ferir,
Disse—vamos dicidir

Esta batalha comprida,
A causa está conhecida,
Um de nós hoje aqui erra,
E nesse campo de guerra
Um ha de deixar a vida.

Oliveiros ahi se ergueu
Marcou-lhe a cabeça ao meio
Que foi o golpe mais feio
Que um cavalleiro já deu,
Ferrabraz estremeceu
E quasi perde o sentido,
Ficando muito abatido
Já com os golpes primeiros.
Disse consigo Oliveiros:
—Esse está quasi vencido!

E tornou a repetir
Outro golpe desmarcado,
O turco muito cançado
Quasi o golpe o faz cahir,
Não podendo resistir
O golpe não respondeu,
Oliveiros conheceu
A falta de ligeireza,
Mas viu que aquella fraqueza
Não era defeito seu.

Disse Oliveiros consigo,
Meu Deus—se vós concedesse
Que esse turco conhecesse

Que é feliz viver contigo
Livraria-o do perigo
De su'alma se perder,
O ceu havia de colher
Um'alma quasi perdida
Que depois de arrependida
Podia se converter.

Já de Ferrabraz a vida
Se divulgava num sopro,
Cada parte de seu corpo
Tinha uma mortal ferida.
A força muito abatida
Elle de todo mudado
Pallido e ensanguentado
Oliveiros viu com calma
Que o turco só tinha a alma,
O corpo estava acabado.

Jesus, Filho do Eterno,
Exemplo de Redempção,
Livrai a este pagão
Do abysmo do inferno
Dai-lhe um desejo moderno,
Um intuito que o avise
Dessa miseravel crise,
Dai-lhe isso como prenda,
Que de tudo se arrependa
Creia em vós e se baptise.

Já estava Ferrabraz
Muito rendido ao cansaço,
Já o seu esquerdo braço
Não o podia erguer mais,
Porque não era capaz
De resistir mais, uma hora
E Oliveiros por fóra
Conheceu-lhe a gravidade,
Com toda amabilidade
Disse—Ferrabraz, agora,

Quero que fique sabendo
Que existe um Deus que nos cria,
Sua força e energia
E' como aqui tu estás vendo,
Vim aqui quasi morrendo,
Todo chagado e ferido
De um combate que tinha tido
Para elle defender,
Sem do teu balsamo beber
Fui de Deus favorecido!

Se tu chegasses a crer
Na Santissima Trindade,
No Poderoso Deus Padre,
Havias de conhecer
Que ao mundo rege um poder
De grande sabedoria,
Que a tudo alimenta e cria,
Fez o creu, a tera, o mar,
E' mais puro que o ar

E mais claro que o dia.

Esse um dia descera
Ao mundo das illusões,
E todas nossas acções
Como juiz julgará.
E como te salvará?
Tu sem lei, sem confiança,
Sem ter nelle uma esperança
Vás ao dia de juizo?
Então perde o paraíso
Esta grande e rica herança?

Deixe estes idolos que adora,
Creia na Virgem Maria,
Creia que um Deus que nos cria
Julga tudo em uma hora,
Bote estas illusões fora,
Que o demonio não lhe pise
Peça a Jesus que o avise,
Abraça a religião
Peça das culpas perdão
Creia em Deus e se baptise.

Disse o turco—cavalheiro,
Isso eu não hei de fazer
Me sujeitarei morrer
No campo do desespero.
Tenho os louros de um guerreiro
Brazão, honra, assim por diante,
Ainda que vá avante,

Isto assim nunca farei,
Não deixo a lei que adoptei
Por dez montes de brilhante.

Dizendo—Apollim me valha!
Se levantando cançado,
Inda dizia animado:
—Vamos dar fim a batalha.
A morte não me empalha,
A vida é como um segredo,
O mundo um cruél degredo
Onde um mysterio se encerra,
Golpe de espada na guerra
Jamais me mata de medo.

O iveiros pode ver
Quando estavam descansando,
Que el'e estava desmaiando
E se arriscava a morrer.
Jamais podia viver
Devido ao seu mau estado.
Muitas feridas de lado
Era enorme a sangureira,
Das armas só a vizeira
Apenas tinha ficado.

Ainda se levantou,
Disse:—Sr. Oliveiros,
Dsses são os derradeiros
Golpes que em guerra dou.
Oliveiros o esperou,

Mas não queria o matar;
Seu desejo era o salvar,
Não desejava mais nada
Poz no réto sua espada
Apenas para constar.

Assim que Férrabraz viu
Se ultimando sua vida,
Poz a mão sobre a ferida
A Oliveiros pediu
Julga-se que o turco sentiu
Uma emoção tanto ou quanto
Que disparou nesse pranto
Resentido e maguado,
Como se fosse tocado
Do Divino Espirito Santo.

—Nobre e grande cavalleiro!
Disse o turco arrependido,
Agora estou convencido
Que teu Deus é verdadeiro,
Grande, bom e justiceiro.
Ente de grande mistér,
Faz tudo quanto quizer
Nelle não ha quem pise...
Te peço que me baptise,
Depois faça o que quizer.

Oliveiros quando ácabou
De ouvir o que elle dizia
Ficou com tanta alegria

Que de contente chorou
As feridas lhe curou
Livrou elle de morrer
Então se ouvia dizer:
—Aquella alma fiel
Bemdicto o Deus de Israel
Que foi, que é, e ha de ser.

Estando Oliveiros sentido
Por vêr assim Ferrabraz,
Lhe disse,—hoje serás
Pelos pares recebido;
Não por eu ter te vencido
Mas sim por seres christão...
Porque a religião
Abraça todo rebelde
Desde da hora que pede
De suas culpas perdão.

Disse o turco:—has de montar
Em meu cavallo e seguir;
Se meu exercito me vir
Ha de me querer tomar
E cuide logo em se armar
Com a maior brevidade,
Tenho arma em quantidade
De qualidades mais bellas
Pode confiar-se nellas,
Que valem sete cidades.

E por traz daquelle oiteiro

Tem dez mil turcos esperando
E mais que ha de vir chegando
Cada qual mais cavalleiro.
Onde tem cada guerreiro
Que só um tigre ou leão
Homens de disposição,
Destros no jogo da lança,
Pessôas de confiança
Do almirante Balão.

Disse: has de montar
Em meu cavallo e seguir
E ajudar-me a subir
Para poder me levar,
E não deves demorar
Porque estou muito ferido...
Ficarei muito sentido
Se morrer sem baptisar-me,
Alli tem a esperar-me
Um exercito mui crescido.

E Oliveiros andando,
Por uma estrada que havia
Viu que de um monte sahia
A força que estava esperando,
O turco foi se apeiando
E Oliveiros se armou,
Sobre uma sombra o deixou
Foi de encontro aos inimigos,
Um dos maiores perigos
Que Oliveiros encontrou.



A Secca do Ceará

Sécca a terra as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a secca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes
Flagellados retirantes
Vagam mendigando o pão,
Acabam-se os animaes
Ficando limpo os curraes
Onde houve a creação.

Não se vê uma folha verde
Em todo aquelle sertão
Não ha um ente d'aquelles
Que mostre satisfação
Os touros que nas fazendas
Entravam em luctas tremendas,
Hoje nem vão mais o campo
É um sitio de amarguras
Nem mais nas noites escuras
Lampeja um só pirilampo

Aquelles bandos de rolas

Que arrulavam saudosas
Gemem hoje coitadinhas
Mal satisfeitas, queichozas,
Aquelles lindos tétéos
Com penas da cor dos céos.
Onde algum hoje estiver,
Está triste mudo e sombrio
Não passeia mais no rio,
Não solta um canto siquer.

Tudo alli surdo aos gemidos
Visa o espectro da morte
Como a nauta em mar estranho
Sem direcção e sem Norte
Procura a vida e não vê,
Apenas houve gemer
O filho ultimando a vida
Vai com seu pranto o banhar
Vendo esposa soluçar
Um adeus por despedida.

Foi a fome negra e crua
Nodoa preta da historia
Que trouxe-lhe o ultimatum
De uma vida provisoria
Foi o decreto terrível
Que a grande penna invizível
Com energia e sciencia
Autorizou que a fome
Mandasse riscar meu nome
Do livro da existencia,

E a fome obdecendo
A sentença foi cumprida
Descarregando lhe o gladio
Tirou-lhe de um golpe a vida
Não olhou o seu estado
Deixando desamparado
Ao pé de si um filinho,
Dizendo já existisses
Porque da terra sahiesses
Volta no mesmo camirho.

Vê se uma mãe cadaverica
Que já não pode fallar,
Estreitando o filho ao peito
Sem o poder consolar
Lança-lhe um olhar materno
Soluça implora ao Eterno
Invoca da Virgem o nome
Ella debil triste e louca
Apenas beija-lhe a bocca
E ambos morrem de fome.

Vê-se moças elegantes
Atravessarem as ruas
Umas com roupas em tira
Outras até quasi nuas,
Passam tristes, envergonhadas
Da cruel fome, obrigadas
Em procura de soccorros
Nas portas dos potentados,
Pedem chorando os criados

O que sobrou dos cachorros.

Aquelles campos que eram
Por flores alcatifados,
Hoje parecem sepulchros
Pelos dias de finados.
Os vales d'aquelles rios
Aquelles vastos sombrios
De frondozas trepadeiras,
Conserva recordação
Da cratera de um vulcão
Ou onde havia fogueiras.

O gado urta com fome,
Bérra o bizerro engeitado,
Tomba o carneiro por terra
Pela fome fulminado,
O bode procura em vão
Só acha pedras no chão
Põe-se depois a berrar,
A cabra em lastima completa
O cabrito inda penetra
Procurando o que mamar.

Grandes cavallos de sellas
De muito grande valor
Quando passam na fazenda
Provocam pena ao senhor
Como é diferente agora
Aquelle animal de que outr'ora
Causava admiração,

Era russo hoje está preto
Parecendo um esqueleto
Carcomido pelo chão.

Hoje nem os passaros cantam
Nas horas do arrebol
O jurity não suspira
Depois que se põe o sol
Tudo alli hoje é tristeza
A propria cobra se peza
De tantos que alli padecem
Os camaradas antigos
Passam pelos seus amigos
Fingem que não os conhecem.

Santo Deus! Quantas miserias
Contaminam nossa terra!
No Brazil ataca a secca
Na Europa assola a guerra
A Europa ainda diz
O governo do paiz
Trabalha para o nosso bem
O nosso em vez de nos dar
Manda logo nos tomar
O pouco que ainda se tem.

Vem-se nove, dez, num grupo
Fazendo supplicas ao Eterno
Crianças pedindo a Deus
Senhor! Mandai-nos inverno,
Vem, oh! grande natureza

Examinar a fraqueza
Da fragil humanidade
A natureza a sorrir
Vel-a sem vida cahir
Responde: o tempo é debalde.

Mas tudo alli é debalde
O inverno é soberano
O tempo passa sorrindo
Por sobre o cadaver humano
Nem uma nuvem apparece
Alteia o dia o sol cresce
Deixando a terra abrazada
E tudo a fome morrendo
Amargos prantos descendo
Como uma grande enxorrada.

Os habitantes procuram
O governo federal
Implorando que os socorra
Naquelle terrivel mal
A creança estira a mão
Diz senhor tem compaixão
E elle nem dar-lhe ouvido
É tanto a sua fraqueza
Que morrendo de surpresa
Não pode dar um gemido.

Alguem no Rio de Janeiro
Deu dinheiro e remetteu
Porem não sei o que houve

Que ca não appareceu
O dinheiro é tão sabido
Que quiz ficar escondido
Nos cofres dos potentados
Ignora-se esse meio
Eu penso que elle achou feio
Os bolsos dos flagellados.

O governo federal
Querendo remia o Norte
Porem cresceu o imposto
Foi mesmo que dar-lhe a morte
Um mete o facão e ro'a-o
O Estado aqui esfola-o
Vai tudo dessa maneira
O municipio acha os troços
Ajunta o resto dos ossos
Manda vendel-os na feira.

FIM

LIVRARIA

PEDRO BAPTISTA

—CATALOGO—

LIVROS E ARTIGOS ESCOLARES:
10% a menos do actual preço do
Commercio.

Arnaldo Barreto

Cartilha Analytica

Mariano de Oliveira

Nova Cartilha

Cartilha das Mães.

Puiggare Barreto

1. 2. e 3. Livros

Felisberto de Carvalho

1. 2. e 3. Livros

Hilario Ribeiro

1. 2. e 3. Livros

Rocha Pombó

Nossa Patria

Historia do Brazil

Dr. J. M. Lacerda

Historia do Brasil

Pequena Geographia

Geographia curso Superior

Arthur Thiré

Geographia Elementar

Macedo Costa

Historia Biblica

Compendio de Civilidade Christã

Coelho Netto e Olavo Bilac

A Patria Brasileira

Dr. Fliciano Rodrigues Fernandes

Sciencias Phisicas e naturaes 1. grau

Sciencias Phisicas e naturaes 2. grau

Arthur Trajano

Arithmetica Primaria

” ” Elementar

” ” Progressiva

Abilio Cezar Borges

Geometria

Dr. Carlos Dias Fernandes

Escola Pittoresca

Olavo Freire

Arithmetica Intuitiva

José Coelho

Corographia da Parahyba

Edmundo Amicis

Coração

Dr. João Ribeiro

Grammatica 1. e 2. annos

Eduardo Carlos Pereira

Grammatica Expozitiva Elementar

” ” Curso Superior

” ” Historica

J. M. Palhares

Manuscripto—Compendio dedicado
ao sexo Feminino

Carlos Silva

O Paleographo

Francisco Vianna:

1. 2. 3. 4. 5. 6. Caderno Calligraphia Americana

1. 2. 3. 4. 5. 6. Vertical.

Cadernos para desenho, aquarellas, fuminhos fuzains.

Boletim Escolar cadernos para dictado, para muzica; Pequena Arte de muzica, Methodo de solfejos etc.

Completo sortimento de lousas, crayons, lapis de cores para desenho pennas, canetas, borrachas, papel almaço, matta borrão, pegadores para livros furadores grampos para papel etc. etc.

LIVROS DIVERSOS

O grande livro de S. Cypriano, A Bruxa Evora, O livro completo dos Sonhos, Os Segredos da Roleta, Conselheiro dos Amantes, Manual do Nomorado, Diccionario das Flores e Fructas, Cartas de Amor; O Medico da Familia, Medicina para Todos; As Mil e uma Noites; Manual de Prestidigitação, Hipinotismo; O Orador Popular, Secretario Moderno, Secretario Brasileiro; Manual do Destilador, Manual do Paideiro, Guia da Cozinha; Aven-

turas de Saturnino Farandola; O Lunario Perpetou; O Romance completo de Rocamble, A Historia do Imperador Carlos Magno, Historia de Genoveva de Brabant.

Romances, Historias, e Novellas.

LIVROS e artigos RELIGIOSOS

O Escudo Admiravel, Adoremos, Ancora de Salvação, Mez das Almas, Mez do S. C. de Jesus, Mez Mariano, Mez de S. José, Cartilha da Doutrina Christã, Maná, Diver-sos manualsinhos de missa para crianças, Historia e vida de Santos, Novo e Velho Testamento com o Apocalysse de S. João.

Terços brancos pretos e de cores, Medalhas, Crucifixos, Santinhos, Estampas, Quadros do C. de Jesus para entronizações etc. etc.

AGRADO E PRESTEZA

Preços Resumidos

RETRATO DO AUCTOR



LEANDRO GOMES DE BARROS

Nasceu em 1865, no Municipio da Villa do Pombal, Estado da Parahyba e falleceu á 4 de Março de 1918, no Recife.

Rio de Janeiro

O editor e proprietario reserva os direitos de reproducção de accordo com o artigo 649 do Codigo Civil.

Tiragem 1000 exemplares



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).